



Projeto G.A.M.E.

BOLETIM MENSAL PARA CONTRIBUIDORAS

ÍNDICE

01 – APRESENTAÇÃO	2
02 – RESUMO DO MÊS	3
03 – PRESTAÇÃO DE CONTAS	5
04 – INDICAÇÃO DO MÊS	6
05 – CURIOSIDADES HISTÓRICAS	7

APRESENTAÇÃO

Olá, tem cuidado das suas amizades?

Você está recebendo esse boletim pois contribuiu com o financiamento coletivo do Projeto G.A.M.E. A ideia é que você receba-o junto com o e-mail que é enviado até o dia 15 de cada mês para as pessoas que contribuíram.

Nesse boletim virá sempre:

- Um resumo das atividades do projeto no mês;
- Uma cópia da prestação de contas disponível no blog;
- Divulgação de qualquer evento relacionado ao projeto;
- Uma indicação de conteúdo feita por mim, Marcus;
- Um resumo de duas biografias e um episódio histórico;
- Uma pergunta do mês.

Qualquer dúvida, crítica ou sugestão, estou sempre aberto para o diálogo, principalmente com vocês que, de alguma forma, acreditaram no projeto. A melhor forma de entrarmos em contato, para mim, é por e-mail (marcusfoliveira@gmail.com), mas se para você outra forma for melhor, podemos providenciar algo, basta dizer.

RESUMO: NOVEMBRO de 2019

Esse mês foi o início de um novo semestre na formação, o meu terceiro lá. Dessa vez foi oferecido um curso livre na sexta-feira pelo Henrique com o nome “Clínica Psicorporal das Psicoses e dos Transtornos Mentais”, e no domingo terá a “Oficina do Corpo V” com o Marcus Vinícius, que trabalhará o segmento pélvico. Como eu já havia feito um Oficina do Corpo e o tema do curso do Henrique me interessou muito, eu já escolheria ele de qualquer maneira, mas ser na sexta-feira foi um incentivo a mais, pois facilita bem as coisas pra mim, deixando os domingos livres para outras atividades que geralmente tenho. Outra coisa muito positiva em fazer esse curso é que o Henrique me ofereceu 50% de desconto para fazê-lo, o que é muito bom para as contas do Projeto!

Na primeira aula de Clínica Psicorporal das Psicoses e dos Transtornos Mentais exploramos alguns conceitos e ideias, criando um solo comum para seguirmos o trabalho nas próximas aulas. O Henrique trouxe como importante para esse curso uma preocupação que ele já esboçou anteriormente no IFP e que já li em seus textos, sobre a pouca produção em relação à teoria da técnica na psicanálise e seus derivados; disse que o trabalho clínico com a psicose é específico e diferente daquele com a neurose; que o trabalho com a pessoa psicótica se faz **na** transferência, logo não concordando com o pressuposto freudiano de que psicóticos não fazem transferência; que a predominância da neurose ou da psicose se processa na resolução do Complexo de Édipo; e que não lhe agrada o termo “núcleo psicótico”, que para ele se trataria de uma exacerbação de um núcleo infantil.

Na aula de Vegetoterapia II também tivemos um encontro voltado para definições gerais que tanto estabeleceram as bases do curso quanto definiram materiais a que vamos retornar nos próximos encontros. Foi o primeiro contato que tive com a Denise, a única pessoa da coordenação com quem ainda não havia tido aula; ela deixou claro que o trabalho nesse curso será sobre a intervenção na couraça muscular, e foi expondo um pouco do caminho teórico e prático que Reich percorre em sua obra e teoria, iniciando como psicanalista e passando a considerar o corpo como elemento importante na clínica. No final da aula fizemos um trabalho corporal de cócegas, segundo a Denise para que pudessemos trabalhar e ela observar como estamos lidando com o corpo da outra pessoa, pois ela insistiu bastante na aula que é importante para o terapeuta ter liberdade e segurança para intervir no corpo do outro.

Em Análise do Caráter III, o Pedro fez uma exposição seguindo o primeiro capítulo da terceira parte do livro Análise do Caráter, chamado “Contato psíquico e corrente vegetativa – uma contribuição à teoria dos afetos e à técnica caracteranalítica”; por conta disso, não foi uma aula muito interessante, pois para quem havia lido anteriormente o texto não havia ali nenhuma novidade, embora tenha me parecido que a grande maioria da turma não leu o material.

PRESTAÇÃO DE CONTAS: NOVEMBRO DE 2019

Pessoas Apoiando

Categoria “Chegando Junto”

Categoria “Levantando a Mão Para Perguntar”

- Paula Xisto

Categoria “Somando, um Trocadilho Grego”

Categoria “Multiplicando Vozes”

Categoria “Colocando na Estante”

Categoria “Categoria Preceptor”

- Lizia Regina
- Wriacy Simões
- Armando Daniel

Contribuições Financeiras

Total arrecadado: R\$12.370,10

Total arrecadado no mês: R\$1.090,00

Total gasto no mês: R\$517,70

Nesse mês ficamos com uma pessoa a menos contribuindo, em relação ao mês anterior mas, mesmo assim, conseguimos atingir a nossa projeção de meta mensal! Foram quatro pessoas contribuindo esse mês, e somos eternamente gratas a vocês. No entanto, ainda não perdemos o desejo de ver o Projeto se espalhando e diluindo esses valores entre mais pessoas.

Mais um mês aonde o trajeto Central – IFP foi feito à pé e o querido amigo Wilian ofereceu sua casa como acolhida, o que gerou a economia de quatro passagens de Metrô e duas de ônibus. Além disso, nesse mês o Henrique, professor do curso livre “Clínica Psicorporal das Psicoses e dos Transtornos Mentais” ofereceu ao Marcus um desconto de 50% no seu curso, o que vai garantir ao nosso Projeto uma economia de R\$600,00 (R\$100,00 mensais nesse semestre)! É uma excelente notícia para as nossas finanças, não é mesmo?

Você pode conferir uma prestação de contas um pouco mais detalhada e o extrato bancário desse mês no blog.

INDICAÇÃO DO MÊS – PEDRA RARA

Recebi esse presente mais do que delicioso das mãos do querido amigo Cristiano Ludgério, quadrinista da Capa Comics (um coletivo de produtores de histórias em quadrinhos da Baixada Fluminense). Trata-se de um conto de fadas sobre uma favela, Pedra Rara, trazendo quatro histórias que se passam nesse cenário; foi somente lendo essas histórias (e depois escrevendo um pequeno texto embalado nos sentimentos que a leitura me trouxe) que percebi que mesmo sendo um apaixonado pelo gênero conto de fadas, principalmente nos quadrinhos, eu não sei definir exatamente o que caracteriza esse gênero, embora possa reconhecer imediatamente quando vejo um. Foi assim com “Pedra Rara”; o gibi não traz o termo “conto de fadas” em lugar nenhum, mas acabar a leitura eu tinha a mais plena certeza de que tinha terminado de ler um.

São quatro histórias, todas roteirizadas pelo falecido João Carpalhau (se eu bem entendi, é o último trabalho publicado dele), ilustradas e colorizadas por diferentes artistas. Todas tem aquela sutileza característica dos contos de fadas, uma história que te apresenta um universo com regras diferentes do nosso mas que te faz sentir aconchegado e em casa, e que sempre se preocupam mais em contar uma história do que te dar explicações. Eu dificilmente poderia enfatizar aqui o suficiente sobre o quanto essa obra é impressionante, vocês deveriam mesmo conhecê-la. Para quem quiser comprar, a própria Capa Comics disponibiliza pelo PagSeguro (<https://pagseguro.uol.com.br/checkout/nc/cart.jhtml?s=45cb24e18c7aca55d2ef7f36ec05d84efb34bbfbb1142760>), mas vi também umas lojas anunciando por aí.



CURIOSIDADES HISTÓRICAS



Errico Malatesta (1853 – 1932)

Foi um anarquista e escritor italiano, uma das figuras mais importantes do movimento anarquista do século XIX. Passou mais de dez anos de sua vida na prisão e exílio por conta de suas atividades revolucionárias, e colaborou com inúmeros jornais e associações libertárias, tendo conhecido Mikhail Bakunin, Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Pierre-Joseph Proudhon.

Firmemente convencido da iminência de uma revolução anarquista, Malatesta viu a Revolução Russa acontecer com esperança, destruída pela cooptação bolchevique, assim como a Guerra Civil Espanhola, que foi conduzida por verdadeiros ideais libertários, sendo cruelmente atacada pelas forças reacionárias e, por isso, fracassando.

Preocupado com a organização do movimento anarquista, Malatesta dedicou atenção a esse tema; frente ao documento conhecido como “Plataforma”, uma tese sobre a organização do movimento anarquista escrita pelo grupo russo “Dielo Truda”, Malatesta produziu uma crítica que ficou conhecida no meio libertário. Por conta dessa crítica, Nestor Makhno, anarquista ucraniano pertencente ao grupo e apoiador da Plataforma, lhe escreveu uma carta; tendo acesso a essa carta cerca de um ano depois dela escrita, Malatesta lhe escreveu uma resposta concisa, mas que expõem uma visão firme do que deve ser o movimento e o indivíduo anarquista. Nela, se pode ler um trecho que, caso tivesse sido mais estudado e colocado em prática, impediria o surgimento de aberrações abjetas como a ideia de que pode existir um anarco-capitalismo: *“Nós somos anarquistas porque acreditamos que o governo (qualquer governo) é um mal, e que não é possível obter liberdade, solidariedade e justiça sem liberdade. Não podemos, pois, querer governar e devemos fazer todo o possível para impedir que outros – classes, partidos ou indivíduos – assumam o poder e tornem-se governos”*.

Madeleine Pelletier (1874 – 1939)

Foi uma médica, psiquiatra, feminista e ativista social francesa; originalmente teve formação como antropóloga estudando a relação entre o tamanho do crânio e inteligência, rejeitando a concepção de que o tamanho do crânio determinaria a inteligência ao abandonar a antropologia.

Após o seu rompimento com o campo da antropologia, Pelletier se voltou a se tornar uma psiquiatra. Em 1903, conduziu uma campanha, com o apoio do jornal feminista *La Fronde*, para apoiar a



elegibilidade de mulheres para todas as especialidades médicas, especialmente para o exame de internos psiquiátricos. Em 1906 Pelletier e Constance Pascal se tornaram as duas primeiras mulheres a prestar o exame para se tornarem psiquiatras, assim como foram as primeiras mulheres a trabalhar com internas em manicômios do estado.

Fora de sua vida profissional, Pelletier era uma ativista incansável. Ainda na adolescência, frequentou grupos feministas e anarquistas, estando ativamente envolvida com o movimento feminista e ativismo social por volta de 1900; em 1906 ela se tornou secretária da organização *La Solidarité des Femmes* (A Solidariedade das Mulheres) e a colocou como uma das mais radicais organizações feministas do seu tempo.

Viajou ilegalmente para a União Soviética em 1921 (escreveu no mesmo ano o livro “Minha Viagem Aventureira na Rússia Comunista”) e se juntou ao Partido Comunista Francês quando esse foi criado, mas o abandonou em 1926, abraçando então o anarquismo. Mesmo parcialmente paralisada por um derrame em 1937, continuou a praticar abortos abertamente, e foi presa em 1939, ao que se seguiu sua internação em um manicômio e consequente morte.

Decretado o Ato Institucional N°5



O Ato Institucional Número Cinco (AI-5) foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964 no Brasil. Os atos institucionais foram a maior forma de legislação durante o regime militar, dado que, em nome do "Comando Supremo da Revolução" (liderança do regime), derrubaram até a Constituição da Nação, e foram aplicados sem a possibilidade de revisão judicial.

O AI-5, o mais duro de todos os Atos Institucionais, foi emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em 1968. Isso resultou na perda de mandatos de parlamentares contrários aos militares, intervenções ordenadas pelo presidente nos municípios e estados e também na suspensão de quaisquer garantias constitucionais que eventualmente resultaram na institucionalização da tortura, comumente usada como instrumento pelo Estado.

Elaborado pelo então ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva, o AI-5 entrou em vigor durante o governo do presidente Costa e Silva em represália violenta ao discurso do deputado Márcio Moreira Alves na Câmara dos Deputados, em 2 de setembro de 1968. No discurso, o deputado propôs um boicote ao militarismo ("Quando não será o Exército um valhacouto de torturadores?") e pediu ao povo brasileiro que ninguém participasse nas comemorações do Dia da Independência do Brasil, além de sugerir uma greve que chamou de Lisístrata (uma peça teatral da Grécia antiga, escrita por Aristófanes, aonde as mulheres fazem uma greve de sexo que só terminaria com o fim da Guerra do Peloponeso), para as esposas dos militares enquanto a democracia não fosse restaurada.

Evidentemente, o decreto veio na esteira de ações e declarações de um grupo, conhecido dentro dos militares como linha-dura, que não queria devolver o poder aos civis. Ele foi o instrumento que faltava para a ditadura, focada na figura do presidente, acabar com os direitos políticos de dissidentes e intervir nos municípios e estados. Sua primeira medida foi o fechamento do Congresso Nacional até 21 de outubro de 1969.

Pergunta do Mês

Você já repetiu uma pergunta? Você já repetiu uma pergunta?